

# CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CIÊNCIA SOCIAL

*Deise Santos do Nascimento\**  
*Raquel do Rosário Santos\*\**  
*Gustavo Henrique de Araujo Freire\*\*\**

resenha

CIBANGU, Sylvain K. Information science as a social science. **Information research**, [S.l.], v. 15, n. 3, 2010.

\* Professora Assistente da Universidade Federal do Cariri, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: deisesantos@cariri.ufc.br.

\*\* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: quelrosario@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.  
E-mail: ghafreire@gmail.com.

O artigo intitulado “Ciência da Informação como ciência social” apresenta uma análise realizada na literatura da Ciência da Informação, subdividida em três aspectos: (a) engenharia ou disciplina técnica, (b) disciplina humana ou cognitiva e (c) disciplina ciência social. Conforme Cibangu, o debate sobre esses aspectos é fundamental para que os pesquisadores da Ciência da Informação (CI) afirmem a identidade do seu trabalho.

O autor questiona a pouca existência de explicações sobre estes três “modos” da Ciência da Informação e, nesse sentido, estabelece como objetivo central do artigo a ideia de Ciência da Informação como ciência social. A partir dessa concepção, Cibangu propõe uma “discussão” das características da CI, explicitando que quanto mais discutir, brigar ou lutar sobre a definição ou a natureza da CI, mais seremos chamados de cientistas da informação. Na sua perspectiva, o papel da Ciência da Informação, como ciência

social, não é resolver ou reprimir a discordância, mas expor o mundo social em sua plenitude e diversidade. Infere-se que a proposta do autor é apresentar o mundo social e a realidade dos sujeitos e fenômenos sociais em sua essência, e dessa maneira, tal como esses elementos são, devem ser estudados e compreendidos pela Ciência da Informação.

Na primeira seção do artigo, “As ciências sociais”, o autor apresenta os vários jargões utilizados pela Ciência da Informação, muitos dos quais são termos sociais, como: pessoas, interação, comunidade, diversidade, gestão, desenvolvimento, liderança, rede social, o perfil, os usuários e alfabetização. Através desse discurso, direta ou indiretamente, o autor convida o leitor a relembrar quantas vezes já ouviu esses termos, em apresentações de trabalhos em eventos, ou em leituras dos artigos de revistas da área, constatando que a Ciência da Informação tem um forte laço com o social.

Cibangu estabelece um diálogo com Wersig (1993), quando esse último afirma que, “[...] o objetivo principal da ciência da informação é ajudar as pessoas (ou mais amplamente: atores) que estão confusas com a situação do uso do conhecimento (e que ficarão mais confusas por causa do modelo da sociedade pós-moderna)”. Assim, torna-se ainda mais perceptível a responsabilidade da CI em relação ao estudo de temáticas ligadas à sociedade, seu funcionamento, problemáticas, fluxos e necessidades de informação, e através dessas reflexões realizadas no ambiente acadêmico proporcionar um retorno para a sociedade, viabilizando o desenvolvimento informacional, cognitivo e cultural dos sujeitos sociais.

O autor retoma aspectos históricos para tratar da maneira como os fundadores das ciências sociais, no século 19, tais como Comte (1970), Durkheim (1982), Marx (1955; 1977) e Weber (1949), se consideravam defensores incansáveis da objetividade para a pesquisa social. Princípios positivos, positivistas ou operacionalistas ensinam que o método científico assegura a aquisição de conhecimentos através da observação e experiência, em oposição ou rejeição dos sentimentos, opiniões ou metafísica. No entanto, o autor expõe uma contraposição a essa linha de pensamento, afirmando que também houve uma forte reação contra o positivismo de dentro das ciências sociais, liderada pela postura que o mundo social não tem que ser objetivo.

Na seção intitulada “Explicação científica para a Ciência da Informação como ciência social”, Cibangu trata como a Ciência da Informação pode englobar pesquisa empírica e científica, abrangendo “o mundo físico e social”. O autor perpassa “Métodos quantitativos e qualitativos para a Ciência da Informação como ciência social”, afirmando que os métodos possuem limitações, principalmente quanto à complexidade fugaz da realidade, sendo necessário, aos pesquisadores em CI, estarem cientes das limitações inerentes aos métodos utilizados. Conclui que, a Ciência da Informação se constitui um fórum pluralista de métodos e paradigmas para garantir diversas posições.

Conforme Cibangu, o positivismo e o interpretativismo geraram linhas distintas de pensamento para articular as tecnologias digitais e sintetizaram estas linhas de pensamento em quatro categorias: (a) determinismo tecnológico;

(b) determinismo humano; (c) o determinismo social; e (d) determinismo multidimensional. O determinismo tecnológico, em uma perspectiva positivista, percebe a tecnologia como motor do progresso social. Nesse contexto, a CI se apropria da ideia de determinismo tecnológico para construir e justificar sistemas de informação. Por esta lógica, o objetivo da Ciência da Informação como ciência social é modernizar ou atualizar a sociedade.

A segunda linha de pensamento, o determinismo humano, identifica falhas no determinismo tecnológico ao defender a centralidade da ação humana. Segundo Cibangu, o determinismo humano difundiu-se mais amplamente na CI com temas como: ética, política, busca de informações, o desenvolvimento econômico, entre outros. De acordo com esta posição, o objetivo da Ciência da Informação é gerar maior consciência humana na sociedade.

O determinismo social diz respeito à sociedade e suas estruturas como a força motriz da realidade. Em defesa dessa linha de pensamento o autor elencou vários teóricos relevantes, que defendem o determinismo social, como: Foucault (2002), Lincoln e Guba (2003), Marx (1977) e Parsons (1937; 1951). A distinção do determinismo social situa-se na rejeição da opinião de que o *locus* do conhecimento está no indivíduo, a aprendizagem e a compreensão são vistos como inerentemente social. O objetivo da Ciência da Informação, seguindo a posição do determinismo social, é afirmar forças sociais sobre os indivíduos e seus produtos.

Cibangu apresenta a quarta e última linha de pensamento, determinismo multidimensional, na perspectiva de permitir uma abordagem mais ampla da realidade social e sistemas de informação. A multidimensionalidade foi abordada a partir da teoria da complexidade global, citando as contribuições de Urry (2003, 2005a, 2005b). No que tange à Ciência da Informação, a teoria da complexidade global, implica uma visão mais completa da realidade social.

Retomando “As especificidades da Ciência da Informação como ciência social”, o autor propõe um exame da identidade da CI, ou mais precisamente, o que faz dessa ciência, tanto social quanto não-social entre as ciências. Nessa perspectiva, são apresentados três modos de

Ciência da Informação: (a) técnica ou modo de ciência física; (b) Modo de ciências humanas; e (c) Modo de ciência social.

A Ciência da Informação, a partir da técnica, agrega a modelação matemática que, pode ser empregada na observação e interpretação dos usos e necessidades de informação, o que significa que a ciência da informação pode ser entendida como uma técnica ou ciência física.

O segundo modo identificado por Cibangu, aproximou a Ciência da Informação das ciências humanas. Para essa discussão, o autor apresenta as reflexões de Dilthey e Husserl, abordando as ciências humanas enquanto estudos sobre a vida interior, a mente, o cérebro, a experiência interior, a vontade soberana, reflexão abstrata, emotividade e afins. Isto está em oposição às ciências naturais ou físicas, que lidam com as experiências dos fenômenos externos. Nesta perspectiva, conforme Cibangu, ciências humanas e naturais lidam com a experiência. A diferença é que a experiência nas ciências humanas passa por experiência interior, enquanto que nas ciências naturais, a experiência é a de causa e efeito ou fatos objetivos. Assim, ciências humanas enfocam dimensões emocionais, intelectual, mental, racional ou irracional da experiência vivida. Pode-se dizer que trabalha na captura de um ou mais aspectos

da experiência interior, como o produto final de sua pesquisa, Ciência da Informação torna-se uma ciência humana.

A terceira e última modalidade de Ciência da Informação engloba as ciências sociais. Cibangu afirma que considerar a CI como ciência social torna-se, indiscutivelmente, um assunto obrigatório do campo, haja vista que a interação social define, ou, mais exatamente, estabelece o alicerce do que faz o comportamento social, os fenômenos sociais, um mundo social, ou uma unidade social.

Assim, a Ciência da Informação pode adotar teorias ou disciplinas cujas ideias ou ensinamentos apontam para a interação social. Nesse sentido, o autor afirma que um exemplo típico é o fluxo recente da pesquisa em Biblioteconomia, sendo o objetivo principal envolver-se em construção e análise da comunidade, entendida como uma manifestação da interação humana. Outro exemplo são as redes sociais *online*, que estão se tornando uma relevante fonte de estudo para a CI. Ao refletir sobre a interação, de maneira crítica, o autor afirmou que, a Ciência da Informação como ciência social procura descrever, expor ou revelar e não prescrever ou inibir, a interação social.

Sobre essas três modalidades de Ciência da Informação o autor apresenta um quadro, que sintetiza toda a explicação sobre essa temática.

**Quadro 1 - Visão geral da Ciência da Informação**

Modos de Ciência da Informação	Articulação de informações necessidades e usos	Exemplos
Física, modo natural	Modelagem matemática, algoritmos, gráficos.	Ciência da Computação, ergonomia, ciências biológicas, bibliometria, interface de usuário, indexação.
Modo ciências humanas	Vida <i>Brain-centric</i> , experiência interior, comportamento, razão, reflexo, contexto.	Metafísica, comportamental ou ciência cognitiva, fenomenologia, ética.
Modo ciências sociais	Interação social, rede, conexão.	Redes sociais, construção de comunidade.

Fonte: Cibangu, 2010.

Cibangu conclui que, assim como todos devem se sentir bem-vindos no espaço de informação, deve-se desenvolver uma Ciência da Informação socialmente informada de que acomoda todos os métodos, as ondas e as abordagens, livre, ou pelo menos consciente, de equívocos e reducionismo que a acompanham. Deixar de receber informações como o ruído, a força, ou o caos, manterá nossas interações repressivas, divisionistas, manipuladas e artificial. Assim, o autor considera a necessidade de incorporar à pesquisa em Ciência da Informação como ciência social em qualquer tópico de informações, utilizando os temas que melhor se encaixam em nosso trabalho.

Deste modo, o texto torna-se relevante por tratar das teorias sócias e realizar um breve

relato histórico do desenvolvimento científico, subsidiando a discussão e contribuições das ciências, como ciências sociais, matemática, entre outras, para a Ciência da Informação e o posicionamento dessa frente a essas ciências, resultando na ampliação das reflexões, estudos e conhecimentos produzidos na Ciência da Informação.

O autor apresenta um encadeamento linear consistente, argumentativo e discursivo das suas idéias, aproximando a Ciência da Informação das ciências sociais. Assim, atinge o objetivo a que se propõe no texto, uma vez que o mesmo reconhece e subsidia as bases que fundamentam a Ciência da Informação como uma ciência social.